



ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO PARA CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL: PROJETO SARAUZINHO

Mariana Campeti Cuoghi
Christiane Carrijo Eckhardt Mouammar¹

RESUMO

O presente relato de experiência refere-se ao projeto denominado “Sarauzinho”, vinculado ao projeto de extensão “Seminários de Psicanálise e Saraus Artísticos”. O “Sarauzinho” foi uma parceria da UNESP com o CREAS e foi criado com o objetivo de atender crianças vítimas de abuso sexual, através de um espaço lúdico e artístico, e aplicar uma escuta psicanalítica às demandas que surgiam durante a execução dos trabalhos realizados em grupo. Paralelamente, os pais/responsáveis que levavam as crianças aos encontros também recebiam atendimento psicoterapêutico na sala de espera, no formato de grupo operativo com escuta psicanalítica. O projeto ocorreu em 11 sessões (uma vez por semana com duas horas de duração), sendo 4 crianças e 4 cuidadoras participantes. O atendimento às crianças foi realizado nos moldes de oficina (livre e aberto) e em sarauzinhos, com conteúdo programado (lúdico e artístico). O projeto teve inspiração na “Casa Verde”, criada pela psicanalista francesa Françoise Dolto e no Museu de Imagens do Inconsciente do Centro Psiquiátrico Pedro II, de Nise da Silveira, no Rio de Janeiro. Esta atividade de extensão universitária propiciou aos alunos terem acesso a alguns traumas trazidos pelas crianças, além de obterem maior conhecimento em atendimento psicoterapêutico de grupo infantil, com escuta psicanalítica. Ademais, proporcionou às crianças um espaço lúdico e artístico de escuta para uma possível ressignificação do trauma. Para os adultos participantes, os encontros se tornaram um espaço para falarem sobre suas angústias e para receberem orientações e informações novas sobre a educação das crianças, principalmente a respeito da sexualidade. Os resultados, tanto relacionados aos encontros com as crianças, quanto com os adultos, foram favoráveis à continuidade do projeto.

Palavras-chave: Psicoterapia. Terapia psicanalítica. Crianças. Violência sexual.

PSYCHOTHERAPEUTIC SERVICE FOR CHILDREN WHO ARE VICTIMS OF SEXUAL VIOLENCE: THE PROJECT “SARAUZINHO”

ABSTRACT

This experiment report refers to the project named “Sarauzinho”, which is linked to the extension “Workshops of Psychoanalysis and Artistics Gatherings” project. “Sarauzinho” was a partnership between UNESP and CREAS, created with the aim to assist children victims of sexual violence through a playful and artistic method and to implement a

¹ Doutorado em Filosofia (UFSCar). Docente do Departamento de Psicologia, Faculdade de Ciências de Bauru, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP. Contato: chris@fc.unesp.br.

psychoanalytic listening of demands that appeared during the working group implementation. At the same time, the parents/responsible person who took the children to the meetings also received psychotherapeutic service at the waiting room, in an operative group format with psychoanalytic listening. The project has happened in 11 sessions (once a week, two hours each), with 4 kids and 4 caregivers participating. The service for the kids was organized in workshop models (open and free) and in little gatherings, with preprogrammed contents (playful and artistic). The initiative was inspired by the "Green houses", a creation of the French psychoanalyst Françoise Dolto, and by the Museum "Imagens do Inconsciente do Centro Psiquiátrico Pedro II", in Nise da Silveira, Rio de Janeiro city. This university extension activity has enabled the students to access some of the children's traumas, as well as to obtain a better understanding of an infantile group psychotherapeutic service, with psychoanalytic listening. Besides, it has provided a playful and artistic environment to listen to the children and enable them to create new meanings of their traumas. For the adult participants, the meetings were moments to talk about their anxieties and to receive new guidance and instructions about their children's education, especially about sexuality. The results, either related to the children's meeting, as to the adult's meeting, were favorable to the continuity of the project.

Keywords: Psychotherapy. Psychoanalytic therapy. Children. Sexual violence.

ATENCIÓN PSICOTERAPÉUTICA PARA NIÑOS VÍCTIMAS DE VIOLENCIA SEXUAL: PROYECTO "SARAUZINHO"

RESUMEN

El presente relato de experiencia se refiere al proyecto denominado "Sarauzinho", vinculado al proyecto de extensión "Seminarios de Psicoanálisis y Saraos Artísticos". El "Sarauzinho" fue una sociedad de la UNESP con el CREAS y su objetivo original era atender niños víctimas de abuso sexual, haciendo uso de un espacio lúdico y artístico, y aplicar una escucha psicoanalítica de las demandas que surgieron durante la ejecución de los trabajos realizados en grupo. Paralelamente, los padres/responsables que llevaron los niños a los encuentros también recibían atención psicoterapéutica en la sala de espera, en el formato de grupo operativo con escucha psicoanalítica. El proyecto se desarrolló en 11 sesiones (una vez por semana con dos horas de duración), siendo 4 niños y 4 cuidadoras participantes. La atención a los infantes fue realizada en los formatos de taller (libre y abierto) y en sarao, con contenido programado (lúdico y artístico). El proyecto se inspiró en la "Casa Verde", creada por la psicoanalista francesa Françoise Dolto y en el Museo de Imágenes del Inconsciente del Centro Psiquiátrico Pedro II, de Nise da Silveira, en Rio de Janeiro. Esta actividad de extensión universitaria promueve a los alumnos tener acceso a algunos traumas traídos por los niños, más allá de obtener el mayor conocimiento en atención psicoterapéutica de grupo infantil, con escucha psicoanalítica. Además de proporcionar a los infantes un espacio lúdico y artístico de escucha para una posible resignificación del trauma. Para los adultos participantes, los encuentros sirvieron de espacio para hablar sobre sus angustias y para recibir orientaciones nuevas sobre la educación de los niños, principalmente respecto a la sexualidad. Los resultados, tanto relacionados a los encuentros junto con los infantes, cuanto con los adultos, fueron la de favorecer la continuidad del proyecto.

Palabras clave: Psicoterapia. Terapia psicoanalítica. Infantes. Violencia sexual.

INTRODUÇÃO

O tema violência tem sido discutido há muitos anos nos âmbitos internacional e nacional, sendo hoje considerado como um dos cerne da inquietação cotidiana. O termo deriva do latim *violentia*, que significa qualquer comportamento aplicador de força, vigor ([ZALUAR, 1999](#)). No entanto, a abrangência do seu sentido não se restringe apenas à força, termo que remete, particularmente, ao dispêndio de energia física; violência, porém, é todo e qualquer comportamento intencional que provoca danos físicos, morais e/ou psicológicos em outro ser vivo.

A violência pode ser classificada em cinco tipos: violência física, verbal, sexual, psicológica e negligência ([CABRITA, 2007](#)). [Daniel \(1982 apud COSTA, 2003, p.11\)](#) realizou um estudo que mostra o perfil da violência urbana brasileira, dividindo-a em outras categorias, cujo resultado foi: “violência contra a pessoa; violência no trabalho; violência no trânsito; violência da escola e da cultura; violência das discriminações; violência nos esportes; violência policial”, entre outras. Apesar de estar presente desde o início da história da humanidade, atualmente a violência tem invadido cada vez mais os espaços de convivência dos indivíduos e, logo, as suas relações com o outro e com o mundo.

De acordo com a teoria psicanalítica, não há uma conceituação plenamente definida do termo violência, contudo, podemos encontrar autores que procuram problematizá-la e pensar o campo: “A violência é o emprego desejado da agressividade com fins destrutivos, o desejo podendo ser consciente ou inconsciente, racional ou irracional” ([FAGUNDES, 2004, p. 28](#)). [Gerber \(2004\)](#), por outro lado, diz que o amor, o medo e o ódio são as três emoções básicas que abarcam a violência, estando as primeiras presentes na origem da última.

Independentemente da definição do termo, ainda são vistos poucos trabalhos e assistências intervencionais de atendimento psicológico vinculado a políticas públicas e ações preventivas. No Brasil, existe, na cidade do Rio de Janeiro, a Rede Psicossocial de Especialistas para Atenção de Vítimas de Violência Sexual Infantil (Revirança), a qual tem como base de atendimento a Clínica Psicanalítica da Violência, um dos poucos centros de atendimentos encontrados ([PIZÁ; BARBOSA, 2004](#)). Partindo do princípio psicanalítico de que o outro tem papel fundamental na constituição da subjetividade humana, o foco da atuação psicanalítica no atendimento psicológico à violência é atribuído neste sentido, “buscando uma maior capacidade de tolerar os impulsos e desejos humanos através de uma continência socioafetiva, que ajudará no desenvolvimento da simbolização.” ([FAGUNDES, 2004, p.37](#)). Assim, o psicoterapeuta auxilia na reelaboração da vivência traumática, o que possibilita uma tentativa da criança e do adolescente saírem do lugar de vítimas e passarem a ocupar lugar de sujeitos de seus desejos e de suas histórias.

Pesquisas recentes mostram o aumento do número de crianças vítimas de violência no Brasil, sendo a violência sexual a segunda maior na faixa etária de 0 a 14 anos ([BRASIL, 2012](#)). Segundo a Undime ([UNIÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO, 2012](#)), perto de 40 mil crianças e adolescentes foram atendidas em 2011 pelo SUS, vítimas de violência doméstica, sexual e outras. Além disso, a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para Infância) aponta que 80% das agressões infantis são causadas por parentes próximos, principalmente os pais ([INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO CRISTÓVÃO DE MENDOZA, 2009](#)). O maior problema encontrado é que as instituições de proteção não conseguem monitorar os

casos que estão sob sua responsabilidade e, na maioria das vezes, os casos nem sequer chegam ao conhecimento desses órgãos (FERREIRA, 2005).

Diante do exposto, o projeto de extensão “Seminários de Psicanálise e Saraus Artísticos” percebeu como necessidade oferecer um serviço de atendimento psicológico às crianças vítimas de violência sexual da rede pública da cidade. O projeto de extensão tem o intuito de incentivar atividades artísticas e tem como objetivo principal estudar a teoria e clínica psicanalítica e promover a sua relação com a cultura através dos estudos e saraus artísticos. Nesse sentido, o projeto denominado “Sarauzinho”, que faz parte deste projeto de extensão, foi criado para atender essas crianças violentadas sexualmente, através da arte, usando como ferramenta a escuta psicanalítica.

O “Sarauzinho” foi realização de uma parceria da UNESP com o CREAS (Centro de Referência Especializado em Assistência Social), órgão governamental que “oferta serviços especializados e continuados a famílias e indivíduos em situação de ameaça ou violação de direitos (violência física, psicológica, sexual, tráfico de pessoas, cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, etc.)” (BRASIL, 2010). O CREAS, assim como o CRAS, é uma instituição governamental vinculada ao Plano Nacional de Assistência Social (PNAS), cujo objetivo é padronizar, melhorar e ampliar os serviços de assistência social do país, considerando e respeitando as diferenças locais. O CREAS faz parte do PSE (Proteção Social Especial) e, em Bauru, possui duas unidades e está sob responsabilidade da SEBES (Secretaria de Bem Estar Social) (BRASIL, 2010).

A ideia do atendimento foi inspirada em Françoise Dolto, psicanalista e fundadora da “Casa Verde”, na França. O objetivo desta instituição, para Dolto, era criar uma casa intermediária entre o lar familiar e a creche ou escola, a fim de acolher crianças de até três anos, acompanhadas dos pais, para evitar os traumas que marcam a entrada na pré-escola e manter a segurança que a criança adquire no nascimento. No Brasil, já há um modelo de inspiração Doltoniana no Rio de Janeiro, o qual é chamado de “Casa da Árvore” e oferece tratamento psicológico e psiquiátrico, sendo o primeiro indicado para as pessoas que estão vivendo situações difíceis (separações, perdas, estresses etc.), que não conseguem mais administrar (MILMAN, L., 2004). Outra fonte para o projeto foi o trabalho desenvolvido com esquizofrênicos, no Museu de Imagens do Inconsciente do Centro Psiquiátrico Pedro II fundado por Nise da Silveira em 1952, no Rio de Janeiro, o qual teve como objetivo preservar os trabalhos produzidos pelos pacientes nos estúdios de modelagem e pintura.

Quando Dolto criou a “Casa Verde”, ela buscava prevenir as crianças de problemas futuros de socialização e de violência, já que crianças nessa idade tendem a ter uma linguagem muito centrada no corpo. A violência, nesse caso, seria uma maneira de aprisionamento do corpo, resultando de uma deficiência na passagem para a linguagem. Assim, a “Casa Verde” teria a finalidade de auxiliar nesta passagem do corpo para a linguagem, ou seja, seria um lugar para as crianças colocarem suas questões em palavras (MILMAN, 2004).

A partir disso, o projeto “Sarauzinho” tem como objetivo principal:

[...] a escuta psicanalítica de crianças vítimas de abuso sexual e violência doméstica através do Sarau Artístico e Oficinas, no qual através de músicas, histórias e contos, dramatizações, filmes e elementos lúdicos a criança possa encontrar um espaço terapêutico para representar e expressar seus conflitos e contar com uma escuta psicanalítica que possibilite a clarificação do trauma e do desejo inconsciente e uma ressignificação da experiência vivida. (CARRIJO, 2013, p. 01)

Seguindo os modelos das Casas Verdes da França, a escuta psicanalítica realizada no projeto foi baseada num modelo de psicanálise social, no qual o intuito é que, através da arte, os pacientes possam se inventar como sujeitos ou lhes sejam possibilitadas condições de realização de escolhas para que, assim, eles consigam sair da situação traumática ou da repetição constante do trauma vivido (CARRIJO, 2013).

Paralelamente ao atendimento às crianças, as mães e/ou cuidadores que as levavam até o CREAS também recebiam um acolhimento no período em que as crianças estavam sendo atendidas. A ideia inicial foi de, através da associação livre, observar o que elas pensavam sobre as crianças e a situação de violência que as atingia e, assim, poder realizar discussões e instruí-las sobre como lidar com esses problemas que envolviam seu cotidiano e o dos outros familiares. Este acolhimento ocorria na sala de espera do CREAS, em virtude da falta de espaço físico da instituição; portanto, não havia restrições quanto a interrupções e vínculos com outras pessoas que gostariam de participar esporadicamente.

OBJETIVO

Objetivo geral: atender crianças vítimas de abuso sexual através de um espaço lúdico e artístico e aplicar uma escuta psicanalítica às demandas surgidas durante a execução dos trabalhos realizados em grupo.

Objetivos específicos: mapear o trabalho realizado nos saraus e oficinas através de gravação e anotação e verificar a efetividade desse espaço como terapêutico para, posteriormente, realizar as mudanças necessárias para uma maior eficácia no atendimento. Além disso, fazer o acolhimento das mães e/ou cuidadores no período em que as crianças estavam sendo atendidas, a fim de promover reflexões e instruções.

METODOLOGIA

Amostragem: participaram 4 crianças vítimas de violência sexual, na faixa etária de 6 a 10 anos de idade, sendo 2 meninas (A e B) e 2 meninos (C e D). Uma das meninas (A) e um dos meninos (C) são irmãos e sofreram violência sexual extrafamiliar; a outra menina (B) foi violentada pelo pai; e o outro menino (D) também sofreu abuso extrafamiliar. No acolhimento com os responsáveis, participaram a avó dos irmãos (A e C); a mãe da outra menina (B) e a avó do último menino (D).

Local: sala de atendimento do CREAS para as crianças e sala de espera para os responsáveis.

Atendimento: em grupo, com as crianças e com as cuidadoras, com duas horas de duração, uma vez por semana (às sextas-feiras pela manhã), totalizando 11 sessões, sendo a última apenas para avaliação do atendimento pelas crianças e pelas mães e/ou cuidadoras. Para as crianças, os encontros foram divididos nos moldes de oficina (livre e aberto) e em sarauzinhos, cujo conteúdo era programado (lúdico e artístico), com escuta psicanalítica em ambos. Para as cuidadoras, os encontros foram realizados no formato de grupo operativo com escuta psicanalítica.

Material: papéis, lápis de cor, canetas, tintas, massa para modelar, brinquedos variados, bonecas, fantoches, música, vídeos. Máquina fotográfica para registro do trabalho, quando necessário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para as crianças, os 10 encontros foram divididos nos moldes de oficina e sarau artístico e, a princípio, foram destinados 5 para oficinas e 5 para sarauzinhos; no entanto, com o decorrer do projeto, as oficinas prevaleceram, pois percebeu-se que estas proporcionaram o surgimento de questões traumáticas com mais intensidade do que no sarauzinho, justamente por permitirem uma liberdade lúdica e expressiva. Desse modo, foram repensados os moldes dos encontros no transcorrer do projeto, sendo realizados por fim, 3 sarauzinhos e 7 oficinas. Nas sessões de oficina, cada aluna ficava responsável, aleatoriamente, por uma criança, a fim de observar e fazer intervenções quando necessário.

As sessões de Sarauzinho ocorreram cada uma com um tema diferente, sendo que o primeiro deles teve a intenção de estabelecer o vínculo entre as crianças e as alunas, portanto o tema foi a casa, a família e os sonhos; no segundo, a temática foi o medo; no terceiro, foi discutida a questão da sexualidade. Os temas escolhidos para serem trabalhados foram muito importantes para se observar como essas crianças vítimas de violência sexual se sentiam a respeito dessas temáticas, pois possibilitaram que elas trouxessem questões relevantes sobre si, como as que serão listadas a seguir.

No primeiro sarauzinho, os desenhos foram de extrema importância para uma primeira avaliação, pois foram interpretados segundo manuais de instrução ([CAMPOS, 2003](#)) e foi possível observar que as quatro crianças apresentavam ego frágil, uma delas com possibilidade de manifestação de delinquência sexual e as outras três com provável tendência à esquizofrenia. Contudo, ressalta-se que os desenhos apontaram tendências decorrentes do violento trauma sofrido por estas crianças com o abuso sexual e, nesse sentido, o resultado da projeção traumática expressa nesses desenhos foi para auxiliar numa intervenção que ressignificasse a vivência abusiva, possibilitando melhores prognósticos na saúde psíquica e sexual dessas crianças vítimas.

No segundo encontro, o tema medo desvelou algumas questões que amedrontavam as crianças. A princípio, nos desenhos houve grande resistência na revelação (no ato das crianças mostrarem-no e falarem sobre ele para as alunas) do conteúdo causador de pavor, mas, quando se obteve acesso, a maioria dos desenhos mostrava uma criança no quarto com um monstro aterrorizando-a.

O último sarauzinho foi extremamente importante para informar e esclarecer às crianças questões sobre a sexualidade, como homossexualidade, gravidez e casamento (temas que já haviam sido trazidos por elas em encontros anteriores). Além disso, conversou-se também sobre o que elas pensavam a respeito dos adultos que se relacionavam com crianças, momento em que elas mostraram saber incisivamente que é algo inadmissível e, a intervenção realizada pelas alunas foi a de dar as crianças a seguinte explicação: um pai, uma mãe, um avô, uma avó, um tio, primo ou irmão, qualquer que seja, ou mesmo um adulto sem parentesco ou criança muito mais velha não têm o direito de violar o corpo de uma criança.

Em relação à avaliação aplicada no último dia do projeto, somente três das quatro crianças responderam o questionário, pois uma delas parou de frequentar o projeto nos últimos quatro encontros. Cada aluna aplicou em uma criança, fazia as perguntas e

anotava as respostas no local indicado. Das três crianças que responderam, todas atribuíram nota máxima (10) no quesito satisfação em ter participado do projeto. Quando foi perguntado do que mais tinham gostado, a resposta foi unânime: das brincadeiras, dos desenhos, do teatro, mas uma, especificamente, respondeu que o que mais gostou foi de conhecer as alunas. Já sobre a pergunta relacionada ao que não gostaram, observou-se que cada um apontou algo distinto, como não ter obedecido em um momento de leitura e da brincadeira de fantoches. Essa pergunta provavelmente remeteu cada um deles a algum momento que vivenciou ali dentro, seja de angústia ou de vergonha, ou a algo que não lhe agradou por algum motivo pessoal. Na pergunta sobre o que eles aprenderam de novo, o mais interessante e que foi apontado por um deles foi o livrinho da sexualidade (criado especificamente para o último sarauzinho), no qual a criança disse ter aprendido, especificamente, que pode acontecer de homem namorar homem, da mesma maneira que pode acontecer de mulher namorar homem e também mulher namorar mulher.

A avaliação que foi aplicada com os cuidadores no último dia do projeto também foi, de maneira geral, positiva. Cada aluna ficou responsável por aplicar em um adulto, assim como foi feito com as crianças, eles respondiam à pergunta que lhes era feita e a responsável anotava no local indicado. Responderam ao questionário duas avós e um avô, já que a mãe da criança que faltou também não estava mais presente. Em relação ao grau de satisfação com o projeto, as avós responderam com a nota máxima (10), e o avô avaliou entre 5 e 10. Em geral, as opiniões foram bem semelhantes, todos mencionaram a importância de ter havido esse espaço para falar sobre suas angústias pessoais e, terem recebido orientações sobre como lidar com as crianças, o que foi demarcado como sendo o aspecto em que mais o projeto os ajudou, principalmente porque receberam informações novas sobre a educação dos menores, como orientação da sexualidade, paciência e autocuidado. Outro aspecto importante levantado por eles foi terem observado mudanças no comportamento dos netos, disseram notar que eles estavam mais seguros, mais obedientes e mais calmos. Sobre o número de encontros, disseram ter sido suficiente, pois se sentiram aliviados em ter esse espaço para falar; no entanto, se tivessem mais, eles participariam.

A intenção em aplicar esta avaliação não era avaliar como as crianças e cuidadores entraram e como saíram do projeto, ou seja, comparar o antes e o depois da participação no projeto. O objetivo era entender se o projeto ajudou de alguma forma e, em caso afirmativo, o que aquele cuidador e aquela criança consideraram mais importante no decorrer do projeto, como foi que ele contribuiu para a vida desses sujeitos e se havia críticas a serem feitas. Além disso, como foi um projeto iniciante, esta avaliação foi importante para a orientadora e para as alunas saberem quais foram os erros e os acertos, assim como o que precisaria ser melhorado para o futuro do projeto.

Em termos de análise do projeto, tanto as oficinas, quanto os sarauzinhos, possibilitaram o acesso a alguns traumas trazidos pelas crianças, cumprindo com os objetivos que foram estabelecidos. Os sarauzinhos e as oficinas foram modelos diferentes de encontro e completaram-se na medida em que proporcionaram momentos distintos de intervenção e análise, pois abordaram questões variadas do sofrimento psíquico das crianças. Além disso, a avaliação, tanto das crianças, quanto dos cuidadores, foi favorável ao projeto e a sua continuidade.

Sobre os próximos projetos a serem desenvolvidos, cabe repensar, por exemplo, a quantidade de encontros e, a possibilidade de manutenção de um grupo de crianças durante dois semestres, totalizando 20 encontros. Esse novo modelo de projeto poderá ser ainda mais efetivo na observação de mudanças e ressignificação do trauma, pois

possibilitaria um vínculo mais duradouro entre as crianças e as alunas, o que conseqüentemente geraria maior confiança da parte das crianças para se manifestar. Em relação aos cuidadores e, a possibilidade de mais encontros também seria mais eficaz, pois ainda havia muitos temas que poderiam ser abordados para esclarecer dúvidas sobre a criação dos netos, principalmente a respeito da sexualidade, informando, por exemplo, o que seria um comportamento normal e um patológico na fase em que se encontravam. Além disso, pelo trabalho ter sido criado e direcionado à criança, não houve muitos planejamentos para os adultos; todavia, dedicar mais atenção às sessões com os cuidadores, fazendo planejamentos e intervenções mais pontuais poderá trazer mais resultados para a orientação de pais e/ou responsáveis.

SUBMETIDO EM 20 jan. 2014

ACEITO EM 16 jun. 2014

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Centro de Referência Especializado de Assistência Social.** 2010a. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaoespecial/creas>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Assistência social.** 2010b. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Abuso sexual é o segundo maior tipo de violência.** 2012. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/noticia/5242/162/abuso-sexual-e-o-segundo%3Cbr%3E-maior-tipo-de-violencia.html>>. Acesso em: 8 abr. 2013.

CABRITA, M. **Tipos de violência.** 2007. Disponível em: <<http://mapadocrime.com.sapo.pt/tipos%20de%20violencia.html>>. Acesso em: 6 abr. 2013.

CAMPOS, D. M. S. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade.** 35 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARRIJO, C. **Sarauinhos e oficinas: a escuta psicanalítica para crianças vítimas de abuso sexual.** Bauru: FC/UNESP, 2013. 05 p. Relatório de Projeto de Extensão e Pesquisa para o CREAS - município de Bauru.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise.** 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. 249 p.

DANIEL, E. V. "Fenomenologia crítica da violência urbana", in *Violência urbana*, Rio, Codecri, 1982, p. 124-50 apud COSTA, J. F. **Violência e psicanálise.** 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. 249 p

[FAGUNDES, J. O.](#) A psicanálise diante da violência. In: KHOURI, M. G. et al. **Leituras psicanalíticas da violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 21-40.

[FERREIRA, A. L.](#) Acompanhamento de crianças vítimas de violência: desafios para o pediatra. **J. Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, suppl., p. S173-S180, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa07.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2013.

[GERBER, I.](#) O medo e a violência ou o ovo e a galinha. In: KHOURI, M. G. et al. **Leituras psicanalíticas da violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 41-49.

[HANSEN, K.](#) **Se a favela não vai à psicanálise, a psicanálise vai à favela!**: Entrevista com Lulli Milman, coordenadora da Casa da Árvore. 2004. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materias/0180.html>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

[INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO CRISTÓVÃO DE MENDOZA.](#) **Violência doméstica infantil**. 2009. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/violenciainfantilturma3107/violencia-domestica-infantil>>. Acesso em: 6 abr. 2013.

[PIZÁ, G.; BARBOSA, G. F.](#) **A violência silenciosa do incesto**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. 246 p.

[UNIÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO.](#) **Mapa da violência 2012**: crianças e adolescentes do Brasil. 2012. Disponível em: <<http://undime.org.br/mapa-da-violencia-2012-criancas-e-adolescentes-do-brasil/>>. Acesso em: 6 abr. 2013.

[ZALUAR, A.](#) Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 3, p. 3-17, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n3/v13n3a01.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2013.